

## Reflexões e tendências

### A organização temática da seção de estudos anteriores em artigos científicos

*The thematic organization of the literature review in scientific articles*

Marcelo Sanches Pagliarussi<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade de São Paulo

Copyright © 2020 FEA-RP/USP. Todos os direitos reservados

#### 1 INTRODUÇÃO

Alguém que se insere em um novo grupo social enfrenta vários desafios para se adaptar à nova realidade. Um deles é a compreensão das regras que regulam a convivência naquele novo grupo. Não é fácil adquirir conhecimento sobre as regras formais e os elementos contextuais que regulam sua aplicação. Ainda, há a questão das regras informais, os códigos de conduta que não estão escritos, pelo menos não no mesmo livro que contém as regras formais. Grande parte de tais códigos de conduta está implícita na cultura do grupo; algumas regras podem ser mencionadas de forma esparsa em textos ou em conversas entre membros do grupo, mas não são apresentadas de forma sistematizada. Entre as explicações para isso, posso especular algumas: a fluidez da cultura, a existência de subculturas em diferentes grupos, e o fato de que os membros daquela comunidade já conhecem os códigos de conduta, pois estão aculturados.

Por exemplo, os pesquisadores novatos, como os alunos que estão no começo da iniciação científica, do trabalho de conclusão de curso, ou até mesmo no início dos cursos de mestrado, têm várias dúvidas relacionadas ao processo de redação científica. Um exemplo de pergunta que ouço frequentemente dos pesquisadores iniciantes é: “quantas referências preciso incluir no meu projeto?” Apesar de ser feita usualmente por novatos, não é uma pergunta tola, porque não há resposta simples nem prescrições objetivas e fáceis de serem seguidas. Escrever um artigo com poucas referências pode ser ruim, assim como um artigo com referências demais também pode ser problemático (por exemplo, veja as regras 20 e 21 de Brennan, 2019a). Mas qual é a medida objetiva que define poucas referências? Ou muitas? Não conheço a resposta para essa questão.

Um desafio bem maior que obter a aprovação do trabalho de conclusão de curso, seja nos níveis de graduação, mestrado ou doutorado, é conseguir publicar um artigo em um periódico científico. A tarefa é ainda mais difícil se o candidato a autor buscar uma publicação em periódico internacional de boa reputação. É bastante comum que tais periódicos rejeitem mais de 90% das submissões que recebem. Com um índice de rejeição tão alto, não surpreende que vários artigos tenham sido publicados apresentando reflexões sobre o processo de publicação em periódicos e sugestões para os autores que ainda não foram bem sucedidos (por exemplo, Moizer, 2009; de Villiers & Dumay, 2014, 2015; Patriotta, 2017; Marinetto, 2018; Brennan, 2019a)

Patriotta (2017) observa que o processo de publicação em periódicos científicos é permeado por uma tensão fundamental entre originalidade e conformidade. O autor reforça que editores e avaliadores de periódicos elegem a originalidade como o principal aspecto a ser avaliado quando um texto é submetido, e que os autores de manuscritos devem se esforçar para surpreender o leitor. No entanto, os manuscritos também devem atender às expectativas de conformidade ao padrão considerado “correto” (Patriotta, 2017). Deste modo, a efetividade na escrita requer uma compreensão a respeito das convenções acadêmicas, e um entendimento a respeito de como editores, avaliadores e leitores em geral dão sentido aquilo que os autores escrevem (Patriotta, 2017).

Em um artigo anterior (Pagliarussi, 2018), busquei contribuir para o entendimento das regras explícitas e implícitas do processo de publicação em periódicos de contabilidade e organizações, oferecendo sugestões sobre a estruturação e a redação de manuscritos de forma geral. No presente ensaio, meu objetivo é contribuir com sugestões para a redação de uma parte específica de um texto científico: a seção de estudos anteriores, comumente chamada de revisão de literatura. Embora as sugestões oferecidas aqui sejam voltadas à produção de textos para submissão a periódicos científicos, elas também se aplicam diretamente à apresentação dos estudos anteriores em monografias de graduação, dissertações de mestrado ou teses de doutorado.

## 2 A SEÇÃO DE ESTUDOS ANTERIORES

Enquanto peças de comunicação, os artigos na área de contabilidade e organizações, independentemente do tópico de pesquisa, são muito semelhantes. Conforme explica Patriotta (2017), artigos são narrativas sobre a busca pela resposta a uma questão de pesquisa, e tal narrativa apresenta uma estrutura padrão: título, resumo, introdução, contexto teórico (e estudos anteriores), métodos, resultados, discussão e conclusão. Assim, apesar do processo de pesquisa e seu relato constituírem um empreendimento criativo, eles também precisam seguir padrões, até certo ponto rígidos, e aí reside a tensão entre inovação e conformidade (Patriotta, 2017).

A seção de estudos anteriores desempenha um papel específico no estabelecimento da originalidade de um artigo. Nela, o autor apresenta uma visão crítica da pesquisa anterior sobre o fenômeno em estudo, de modo a demonstrar para o leitor a existência de lacunas e oportunidades de pesquisa que justifiquem o relato que está sendo apresentado (de Villiers & Dumay, 2014). Deste modo, os autores argumentam que a seção de estudos anteriores deve ser a primeira a ser escrita ao se preparar um artigo para submissão.

Ao escrever a seção de estudos anteriores, deve-se sempre ter em mente que a função dessa seção é conectar a narrativa do artigo com as pesquisas que a precedem, de modo a enfatizar sua relevância e ganhar a atenção do leitor (de Villiers & Dumay, 2013). Daí decorre a necessidade de explicitar as conexões entre o artigo que é apresentado e os estudos anteriores, demarcando especialmente as limitações da pesquisa anterior que são atacadas no relato de pesquisa (de Villiers & Dumay, 2013). Deste modo, o cuidado ao elaborar a seção de estudos anteriores irá influenciar fortemente o processo de avaliação de um manuscrito, ao sinalizar aos avaliadores que a área de conhecimento na qual o artigo pretende se inserir será beneficiada pela publicação do mesmo (Reuber, 2010). Além disso, Reuber (2010) enfatiza que o enquadramento adequado de um manuscrito submetido em relação aos estudos anteriores facilita ao leitor entender a lógica e as escolhas que o autor fez ao desenvolver sua pesquisa.

Como falar é mais fácil do que fazer, um jovem pesquisador ou pesquisadora pode se beneficiar das sugestões de Brennan (2019b), que apresenta algumas perguntas que o autor pode fazer a si mesmo para definir de forma mais precisa as contribuições de seu artigo:

- Quais aspectos da pesquisa anterior o seu estudo está ampliando ou revisando?
- O que é único na sua argumentação ou contribuição?
- Como sua contribuição adiciona valor ao conhecimento existente?
- Quais as crenças comumente compartilhadas sobre o seu fenômeno de pesquisa?
- Quais são as dúvidas ou anomalias observadas no conhecimento existente a respeito do seu fenômeno de pesquisa?
- Quais são as explicações usualmente apresentadas a essas dúvidas ou anomalias?
- Em quais aspectos o conhecimento a respeito do seu fenômeno de interesse está subdesenvolvido?

Outra orientação importante oferecida por Brennan (2019b) é que um manuscrito submetido a um periódico deve identificar de maneira explícita um conjunto de dois, três ou quatro artigos para os quais o estudo em questão apresenta contribuições. Como Huff (1999) coloca com outras palavras, ao preparar um manuscrito para submissão é necessário que o texto estabeleça um diálogo direto com três ou quatro trabalhos recentemente publicados, de modo que as contribuições oferecidas possam ser avaliadas em relação a esses trabalhos. Então, supondo que o desafio de estabelecer as contribuições da pesquisa já esteja resolvido, o próximo que se apresenta é a redação da seção de estudos anteriores, ou seja, a construção de um texto que comunique de forma efetiva o posicionamento e o valor do artigo que está sendo submetido.

### 3 ESTRUTURAS POSSÍVEIS PARA A SEÇÃO DE ESTUDOS ANTERIORES

Nenhuma parte da escrita de textos científicos é trivial, e cada uma das seções do texto apresenta desafios diferentes. No caso da seção de estudos anteriores, um deles é a falta de prescrições bem definidas a respeito da estrutura e do conteúdo da mesma (Reuber, 2010). A autora ressalta que existe uma variedade de combinações estrutura-conteúdo que podem ser escolhidas, e as possibilidades devem ser avaliadas em relação à capacidade que cada uma tem em sintetizar de forma concisa a pesquisa anterior.

Um erro relativamente comum que jovens pesquisadores cometem é o de apresentar os estudos anteriores num padrão em que cada parágrafo da seção se inicia com o nome do autor ou dos autores de um estudo citado, e depois o texto prossegue com a descrição do que foi feito no estudo (Aldrich, 2016). E assim os parágrafos se repetem, cada um deles dedicado a um autor, o que foi feito e quais resultados foram alcançados. Esse erro provavelmente é comum porque tal forma de apresentação dos estudos anteriores requer pouco esforço de quem está escrevendo, que precisa decidir somente se irá apresentar os estudos anteriores do mais antigo para o mais recente ou vice-versa.

Por outro lado, conforme Aldrich (2016) destaca, essa estrutura de apresentação, que dá menos trabalho para quem escreve, transfere o trabalho de interpretação e integração dos resultados dos diferentes estudos ao leitor. Consequentemente, tal forma de apresentação dos estudos anteriores sinaliza um baixo nível de esforço do autor, algo que certamente não o fará ganhar a simpatia do leitor. Assim, Aldrich (2016) sugere que a seção de estudos anteriores deve ser organizada por temas ou categorias conceituais, de modo que a apresentação das pesquisas já realizadas fique subordinada a essas categorias de ordem superior, que capturam as tendências da literatura e dão ordem à diversidade de estudos anteriores.

Embora existam outras possibilidades de organização da seção de estudos anteriores (ver Weissberg & Buker, 1990), entendo que a proposta de agrupamento temático defendida por Aldrich (2016) é a mais efetiva em termos comunicativos, pois permite que o autor ou autora exerça sua criatividade na interpretação e na organização da representação dos esforços precedentes feitos por outros pesquisadores. Além disso, a organização temática dos estudos anteriores economiza esforço do leitor, pois o trabalho de dar sentido à diversidade de estudos que tratam do fenômeno foi feito pelo autor.

De fato, a leitura de artigos dos principais periódicos na área de contabilidade e organizações revela que o agrupamento temático dos estudos anteriores é uma prática usual. Adicionalmente, um exame detalhado dessa estrutura pode ajudar a entender a sua efetividade. Para reforçar meu argumento, selecionei dois exemplos, retirados de artigos publicados na *Accounting, Organizations and Society* e no *Accounting, Auditing & Accountability Journal*.

No artigo de Gabbioneta et al. (2013), intitulado "*The influence of the institutional context on corporate illegality*", os autores se propõem a entender a ocorrência de atos de ilegalidade corporativa. Os autores optaram por apresentar os estudos anteriores na seção intitulada *Theoretical context*, ou seja, a análise da literatura é combinada com o raciocínio teórico sobre fenômeno. A seção contém 10 parágrafos, sendo que o primeiro define o que são atos de ilegalidade corporativa. Do segundo ao sétimo parágrafo os autores apresentam os estudos anteriores, organizados por temas, conforme apresentado a seguir:

- Segundo parágrafo: motivações para os atos de ilegalidade corporativa;
- Terceiro parágrafo: estrutura da compensação do CEO e sua relação com atos de ilegalidade corporativa;
- Quarto parágrafo: características estruturais das organizações e os atos de ilegalidade corporativa;
- Quinto parágrafo: diferenças nos antecedentes dos atos de ilegalidade corporativa nos EUA e na Europa;
- Sexto e sétimos parágrafos: relação entre cultura organizacional e atos de ilegalidade corporativa.

Em cada um dos parágrafos mencionados os autores apresentam uma síntese do conhecimento produzido pelos esforços de outros pesquisadores, com as respectivas citações. No oitavo parágrafo, Gabbioneta et al. (2013) fazem uma síntese do que foi apresentado anteriormente, e apresentam um modelo explicativo com base nos resultados encontrados na literatura. No nono parágrafo, apresentam ao leitor as limitações no conhecimento representado por tal modelo. Finalmente, no décimo parágrafo, resgatam o objetivo de seu artigo, e o apresentam como uma tentativa de preencher uma das lacunas mencionadas no parágrafo anterior.

O trabalho de Imam e Spence (2016), intitulado "*Context, not predictions: A field study of financial analysts*", é focado na natureza do trabalho realizado pelos analistas financeiros. Depois da introdução, o artigo traz a seção *Prior literature*, a qual tem 12 parágrafos organizados de acordo com os seguintes assuntos:

- Primeiro parágrafo: explicação de como foram agrupados os estudos anteriores;
- Segundo, terceiro e quarto parágrafos: pesquisas sobre analistas financeiros na literatura mainstream de contabilidade e finanças;
- Quinto parágrafo: pesquisas sobre analistas financeiros na literatura comportamental;
- Sexto parágrafo: síntese do conhecimento produzido pelos estudos apresentados nos parágrafos dois a cinco;
- Sétimo e oitavo parágrafos: pesquisas sobre analistas financeiros realizadas com base na sociologia neo-institucional e na abordagem comportamental;
- Nono parágrafo: síntese dos estudos apresentados nos parágrafos sete e oito;
- Décimo e décimo primeiro parágrafos: estudos que buscam combinar as duas perspectivas anteriormente apresentadas;
- Décimo segundo parágrafo: síntese e crítica ao conhecimento produzido pelos estudos anteriores, no sentido de destacar suas limitações e oportunidades de pesquisa derivadas. Nesse parágrafo os autores conectam explicitamente o seu trabalho com a literatura anterior.

Apesar da defesa que faço aqui da organização temática na apresentação dos estudos anteriores, recomendo fortemente que os leitores obtenham os artigos de Gabionetta et al. (2013) e Iman e Spence (2016), procedam com a leitura dos mesmos e avaliem por conta própria a efetividade, em termos comunicativos, da forma como os autores optaram por apresentar os estudos anteriores. É um exercício que vale a pena ser feito, pois ao ler os artigos os leitores e leitoras irão experimentar em tempo real o processo de construção de sentido que tais textos provocam.

Compreender a efetividade da organização temática dos estudos anteriores pode suscitar uma dúvida legítima: como definir os temas que organizam a seção? Esta é mais uma pergunta para a qual não existem respostas simples e diretas, mas na seção a seguir apresento uma sequência de trabalho que podem ajudar neste sentido.

#### 4 O PROCESSO DE ESCRITA DA SEÇÃO DE ESTUDOS ANTERIORES

Machi e McEvoy (2016) sugerem uma abordagem interessante para a redação da seção de estudos anteriores, dividida em duas grandes tarefas: escrever para entender, e escrever para ser entendido. A primeira tarefa tem como objetivo escrever para aprender o que precisa ser dito, enquanto a segunda é realizada com o objetivo de aprender como comunicar o que precisa ser dito à audiência (Machi & McEvoy, 2016).

Neste sentido, Ridley (2008) ressalta que é preciso começar a escrever a seção de estudos anteriores tão cedo quanto possível, antes mesmo de ser definida a sua estrutura, pois essa é uma forma de descobrir a própria estrutura. Ao escrever para entender o que precisa ser dito, Machi e McEvoy (2016) recomendam que os pesquisadores consultem suas anotações e rascunhos produzidos durante a etapa de leitura dos artigos já publicados. Os autores também afirmam que o rascunho inicial irá cristalizar o conhecimento a respeito do fenômeno, e irá permitir que o pesquisador avalie seu próprio conhecimento acumulado. Ao longo deste processo, o pesquisador deve se perguntar (Machi & McEvoy, 2016): o que eu sei sobre o meu fenômeno de interesse? Como eu explicaria o que eu sei para outras pessoas?

Efron e Ravid (2018) oferecem elementos que podem ajudar no processo de organização do conteúdo para a redação da seção de estudos anteriores: a matriz de síntese, a tabela resumo, o mapeamento e a estrutura de tópicos. A matriz de síntese, particularmente, parece ajudar a descobrir como agrupar tematicamente os estudos anteriores. Ela constitui um processo iterativo na qual o pesquisador examina a análise que fez dos artigos lidos e procura agrupá-los em uma grade, com o objetivo de identificar padrões e temas na literatura (Efron & Ravid, 2018). Complementarmente, algumas perguntas que podem ajudar a definir os padrões ou temas na literatura incluem (Murray, 2011):

- Quais escolas de pensamento eu identifiquei na literatura?
- Quais são os grandes debates relacionados ao fenômeno de pesquisa?

A segunda etapa descrita por Machi e McEvoy (2016), escrever para ser entendido, é quando os pesquisadores desenvolvem rascunhos cada vez mais refinados da seção de estudos anteriores, e avaliam o poder de síntese e de comunicação do texto que está sendo desenvolvido. Algumas perguntas ajudam os pesquisadores a fazer essa autoavaliação (Machi & McEvoy, 2016):

- O texto conta a história que eu intencionei contar?
- Eu estou contando a história apropriada?
- O leitor lê o que eu leio no texto?

Machi e McEvoy (2016) ressaltam que nesta etapa o pesquisador precisa ter a consciência de que está escrevendo para uma audiência, e é essencial obter a colaboração de outras pessoas na construção do texto. É importante conversar com seu orientador, ou com colegas a respeito da forma e do conteúdo do texto, e de preferência conseguir que eles leiam o seu texto e deem feedback a respeito da clareza, fluidez e coerência do conteúdo. Os autores destacam que pode ser necessário escrever várias versões antes que o texto alcance a nitidez necessária e comunique o que os autores querem comunicar.

## 5 CONCLUSÃO

Neste ensaio procurei oferecer uma contribuição aos jovens pesquisadores que estão trilhando os passos iniciais do caminho para a publicação em periódicos científicos. Abordei a seção de estudos anteriores, parte essencial de qualquer relatório de pesquisa, e busquei apresentar uma sequência de trabalho e exemplos do produto final que dela poderá resultar. Como última sugestão, gostaria de reforçar um aspecto que as vezes pode ficar esquecido em meio ao desafio que envolve a busca por obter uma publicação em periódicos: a questão da linguagem.

Artigos submetidos a periódicos científicos são escritos para uma audiência muito qualificada. Quando um manuscrito submetido a um periódico passa pela avaliação inicial do editor, há a chamada avaliação por pares, que envolve o envio do manuscrito a pelo menos dois especialistas no assunto. Esses especialistas irão dar seu parecer recomendando a publicação ou rejeição da submissão. Nesse contexto, o jovem pesquisador ou pesquisadora pode assumir que precisa escrever um texto complexo, denso e carregado de termos técnicos (Badley, 2018). No entanto, embora a profundidade de análise seja um atributo fundamental numa investigação científica, a clareza na redação também o é. Assim, é necessário ter em mente que, apesar do texto ser acadêmico e de sua avaliação ser realizada por especialistas da área, a maioria dos potenciais leitores não serão especialistas no assunto do manuscrito.

É fundamental que o jovem pesquisador ou pesquisadora construa seu texto com uma progressão lógica clara, de modo que o encadeamento de argumentos guie o raciocínio do leitor ao longo do texto (Reuber, 2010). E, fundamentalmente, que a linguagem utilizada seja a mais simples possível, respeitando o grau de formalidade esperado em um texto científico.

## REFERÊNCIAS

- Badley, G. F. (2018). Why and How Academics Write. *Qualitative Inquiry*. DOI: <https://doi.org/10.1177/1077800418810722>
- Brennan, N. M. (2019a). 100 research rules of the game: How to make your research world class; how to successfully publish in top international refereed journals. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 32(2), 691–706. DOI: <https://doi.org/10.1108/AAAJ-02-2019-032>
- Brennan, N. M. (2019b). 100 PhD rules of the game to successfully complete a doctoral dissertation. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 32(1), 364–376. DOI: <https://doi.org/10.1108/AAAJ-01-2019-030>
- de Villiers, C., & Dumay, J. (2013). Construction of research articles in the leading interdisciplinary accounting journals. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 26(6), 876–910. DOI: <https://doi.org/10.1108/AAAJ-Apr-2012-01000>
- de Villiers, C., & Dumay, J. (2014). Writing an article for a refereed accounting journal. *Pacific Accounting Review*, 26(3), 324–350. DOI: <https://doi.org/10.1108/PAR-08-2012-0033>

- Gabbioneta, C., Greenwood, R., Mazzola, P., & Minoja, M. (2013). The influence of the institutional context on corporate illegality. *Accounting, Organizations and Society*, 38(6–7), 484–504. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.aos.2012.09.002>
- Imam, S., & Spence, C. (2016). Context, not predictions: a field study of financial analysts. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 29(2), 226–247. DOI: <https://doi.org/10.1108/AAAJ-02-2014-1606>
- Moizer, P. (2009). Publishing in accounting journals: A fair game? *Accounting, Organizations and Society*, 34(2), 285–304. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.aos.2008.08.003>
- Pagliarussi, M. S. (2018). Estrutura e redação de artigos em contabilidade e organizações. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 11(31), 4. DOI: <https://doi.org/10.11606/rco.v11i31.142547>
- Patriotta, G. (2017). Crafting Papers for Publication: Novelty and Convention in Academic Writing. *Journal of Management Studies*, 54(5), 747–759. DOI: <https://doi.org/10.1111/joms.12280>
- Reuber, A. R. (2010). Strengthening your literature review. *Family Business Review*, 23(2), 105–108. DOI: <https://doi.org/10.1177/0894486510368259>

**Como citar este artigo**

Pagliarussi, M. S. (2020). A organização temática da seção de estudos anteriores em artigos científicos. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 14:e169787. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-6486.rco.2020.169787>